

# Um encontro inusitado: história e literatura nas páginas do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro na Primeira República<sup>31</sup>

**Denilson Botelho**

**botelhodenilson@gmail.com**

Doutor em História Social pela Unicamp. Professor de História do Brasil do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em História da UNIFESP, líder do Grupo de Pesquisa *História Social da Cultura: literatura, imprensa e sociedade*

**Resumo:** O artigo apresenta uma breve reflexão sobre as relações entre história e literatura, a partir de um encontro inusitado entre Lima Barreto e Afrânio Peixoto, ocorrido nas páginas da edição vespertina do *Jornal do Commercio* em 1911. Considerando a publicação simultânea neste periódico do folhetim *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, e de críticas elogiosas ao romance *A esfinge*, de Afrânio Peixoto, desenvolve-se uma análise das condições em que se constrói uma carreira literária e viabiliza-se o reconhecimento de um escritor através de suas relações com a imprensa no Rio de Janeiro da Primeira República. Recusando o relativismo pós-moderno que se utiliza da literatura para negar o estatuto da história e a nossa própria capacidade de conhecer a realidade, adota-se aqui uma perspectiva materialista que dispensa à literatura um tratamento documental na condição de fonte e testemunho.

**Palavras-chave:** História social da literatura; imprensa; Lima Barreto

## **Une rencontre inhabituelle: histoire et littérature dans les pages du *Jornal do Commercio* au Rio de Janeiro pendant la Première République**

**Résumé :** L'article présente une brève réflexion sur les relations entre l'histoire et littérature, à partir de réunion inhabituelle entre Lima Barreto et Afrânio Peixoto, qui eu lieu on les pages de l'édition vespertine du *Jornal do Commercio* en 1911. Compte tenu la publication simultânea on ce journal du feuilleton *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, et commentaires très favorables au roman de Afrânio Peixoto, développé un examen des conditions pour construire une carrière littéraire et permet la reconnaissance hum d'un écrivain par ses relations avec la presse a Rio de Janeiro, dans la Première République. Refusant le relativisme postmoderne que utilise de la littérature pour refuser le statut de l'histoire et notre

<sup>31\*</sup> Este artigo faz parte do trabalho desenvolvido no âmbito do Projeto de Pesquisa intitulado "Imprensa e literatura na Primeira República: Lima Barreto e a 'indústria do jornal'", contando com o apoio da FAPESP, através de um Auxílio à Pesquisa – Regular (Processo 2015/06882-0). Versões preliminares deste texto foram apresentadas no II Seminário da Revista Hydra, sobre História e Literatura, realizado na EFLCH/Unifesp, em outubro de 2016, e no III Congresso Internacional de Historia y Literatura Latino-americana y Caribeña, realizado na PUC-SP, em novembro de 2016.

propre capacité de savoir la réalité, nous adoptons ici un point de vue matérialiste, qui conçoit la littérature par le traitement documentaire, comme source et témoignage.

**Mots-clés:** História social de la literatura ; presse ; Lima Barreto

Lá se vão mais de três décadas desde a publicação da tese de doutorado de Nicolau Sevcenko<sup>32</sup>, que elegia a literatura como tema central de sua pesquisa. Se naquele momento ainda havia quem questionasse a pertinência do historiador tomar a literatura como fonte para compreender o passado, hoje podemos afirmar que os questionamentos arrefeceram significativamente. A criação do Centro de Pesquisa em História Social da Cultura da Universidade Estadual de Campinas<sup>33</sup> representou contribuição decisiva no sentido de consolidar os estudos e pesquisas sobre a literatura na área de História. Diversos pesquisadores formaram-se em contato com as atividades daquele Centro e uma mostra da sua produção acadêmica pode ser verificada em coletâneas de artigos que apontam diferentes possibilidades de investigação e abordagem, como é o caso de *A História contada*<sup>34</sup> – cujo texto de apresentação elaborado por Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira é um dos mais citados – e *História em cousas miúdas*<sup>35</sup>. Trata-se de uma produção historiográfica que nos permitiu enxergar na literatura algo mais do que representações do real, na medida em que se compreendeu que esses textos são também testemunhos do tempo e da sociedade que lhes deu origem, bem como uma das formas pelas quais literatos participam do movimento da história e nela intervêm de forma efetiva.

Portanto, a partir da perspectiva formulada por esses estudos, ficou claro que fazer da literatura objeto de pesquisa para o historiador não é, afinal de contas, algo tão distinto do que fazemos quando tomamos outros temas por objeto. Se o historiador procura, antes de tudo, compreender como um determinado acontecimento ou processo se tornou possível, a literatura exige de nós a mesma compreensão sobre as suas condições de possibilidade. É nesse sentido que compartilho um pouco do exercício que busca compreender como

<sup>32</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

<sup>33</sup> Para mais informações sobre o Cecult, acesse: <http://www.cecult.ifch.unicamp.br/cecult>

<sup>34</sup> CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

<sup>35</sup> CHALHOUB, Sidney, NEVES, Margarida de Souza e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

aconteceu *Triste fim de Policarpo Quaresma*, romance de Lima Barreto. Afinal, estamos diante de um acontecimento, uma ação, uma intervenção ou um processo que deu origem ao que hoje conhecemos como uma obra literária.

Em agosto de 1911, o autor de *Policarpo Quaresma* iniciava a publicação de seu segundo romance no formato folhetim<sup>36</sup>. Seu romance de estreia foi recebido com silêncio e desprezo pelos principais jornais e revistas da Capital Federal. Depois de iniciar a publicação dos primeiros capítulos na revista *Floreal*<sup>37</sup>, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*<sup>38</sup> tornou-se um livro em dezembro de 1909. O caminho para a publicação foi tortuoso: o autor abriu mão de qualquer remuneração pelos direitos sobre a obra, exigindo apenas um lote de exemplares do editor português, a fim de que pudesse promover pessoalmente a divulgação do romance. Contudo, por se tratar de uma trama que desmascarava os mecanismos de fabricação de celebridades que era a imprensa da época, *Isaías Caminha* foi, aparentemente, ignorado por todos aqueles que não ousavam enfrentar as obscuras entranhas do jornalismo.

No entanto, a recepção ao *Isaías Caminha*, quer da imprensa, quer da crítica, seria mais uma decepção a acrescentar às muitas outras que o escritor vinha sofrendo desde a adolescência. Sem amigos na direção dos jornais de prestígio, poucas foram as notas que apareceram, registrando o aparecimento do livro.

O *Correio da Manhã* era atingido duramente pela pena do romancista, que o descrevia qual um museu de mediocridades, tendo à frente um diretor violento, mestre de descomposturas, destruindo reputações em nome da moral, mas que não passava, na realidade, de um êmulo de Tartufo, corrupto e devasso.

Nada mais natural, portanto, que o grande jornal se fechasse em copas, olímpicamente, sem tomar conhecimento sequer da existência do *Isaías Caminha* e do seu criador. O espírito de *coterie* fez o resto. Os demais jornais também receberam de pé atrás o livro inconveniente e atrevido, onde tantas figuras ilustres e respeitáveis – algumas delas, diga-se de passagem, falsamente ilustres e falsamente respeitáveis – eram retratadas ao vivo, quase sem nenhum disfarce.

Efetivamente, como pouca gente letrada no Brasil hoje ignora, o romance de Lima Barreto é uma sátira ao *Correio de Manhã*, escolhido dentre os demais por ser o de maior sucesso, o mais representativo, o mais típico, o mais retratável dos órgãos da imprensa da época.<sup>39</sup>

<sup>36</sup> Embora datada de 1915, a publicação em livro aconteceria em fevereiro de 1916, em edição custeada pelo autor.

<sup>37</sup> Dirigida por Lima Barreto, a revista *Floreal* teve apenas quatro edições, publicadas entre 25 de outubro e 31 de dezembro de 1907.

<sup>38</sup> BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1909.

<sup>39</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 194-195.

Ainda segundo Francisco de Assis Barbosa, biógrafo de Lima Barreto, a publicação do seu romance de estreia fez com que seu nome fosse proscrito das páginas do *Correio da Manhã*, por ordem expressa de Edmundo Bittencourt<sup>40</sup>.

Contudo, pouco mais de um ano e meio depois da polêmica estreia, Lima Barreto chegava às páginas da edição da tarde do *Jornal do Commercio*, iniciando em 11 de agosto de 1911 a publicação do folhetim *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Para quem havia sido ignorado, não era um feito de pequena monta, já que o periódico era um dos mais reconhecidos e tradicionais naquele tempo. Junto com o *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *O Paiz* e a *Gazeta de Notícias*, era responsável por uma tiragem em torno de 150 mil exemplares que diariamente circulavam no Rio de Janeiro da Primeira República<sup>41</sup>.

De perfil conservador, o *Jornal do Commercio* não se preocupava em tornar-se popular, pois seus diretores acreditavam contar com leitores fiéis. Então não enveredou pela prática da espetacularização das notícias, que se tornou habitual em outros jornais na disputa pela preferência do público. Estava, portanto, no campo oposto ao popularíssimo *Correio da Manhã*.

Fundado em 1º de outubro de 1827 pelo francês Pierre Plancher, o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro era o mais antigo periódico em circulação em 1911. Posteriormente, em 1959, passou a integrar o Grupo Diários Associados, de Assis Chateaubriand, deixando de ser publicado em 29 de abril de 2016. Sua edição da tarde apresentava-se diariamente num formato de folhas grandes (maior que o tamanho standard), com 8 colunas distribuídas por apenas 4 páginas. Não circulava aos domingos e era vendido a 100 réis o exemplar avulso. Nesse momento, as 8 colunas do jornal eram majoritariamente preenchidas com textos não assinados, seguindo um padrão editorializado que se impunha naquele momento, especialmente nos jornais de perfil empresarial. A ausência do nome do repórter pretendia sugerir impessoalidade, como se fosse o jornal falando com o leitor e não mais um indivíduo. Assim, progressivamente se afirmava o mito da isenção e da

---

<sup>40</sup> Edmundo Bittencourt nasceu em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, em 1866, e faleceu no Rio de Janeiro em 1943. Fundou e dirigiu o jornal *Correio da Manhã*, que circulou entre 15 de junho de 1901 e 8 de julho de 1974, quando foi extinto.

<sup>41</sup> BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio: imprensa, poder e público*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000, p. 24.

imparcialidade<sup>42</sup> que se tornou recorrente até os dias atuais – ainda que bastante desacreditado no presente.

Então o que se encontrava nesse jornal eram notícias redigidas em tom sóbrio, abordando acontecimentos da cidade, do país e do mundo, mas evitando o sensacionalismo corriqueiro. Estão em suas páginas notas de agências de notícias estrangeiras, bem como um espaço generoso para as artes, como o teatro e a literatura – incluindo o nobre espaço na parte inferior da quarta e última página para a publicação de folhetins.

No mesmo dia 11 de agosto de 1911 em que teve início a publicação do *Policarpo*, a primeira página noticiava o início da publicação do novo folhetim. Curiosamente, Lima Barreto é apresentado pelo jornal como “escritor novo e original, cheio de imprevistos irônicos, cuja reputação não está mais por fazer-se”. O modo como se faz essa apresentação sugere um questionamento: seria o reconhecimento da reputação de Lima Barreto uma forma de reafirmar a reputação do próprio jornal, que não abriria o espaço do seu folhetim para um escritor qualquer, ou seu romance de estreia não teria sido tão ignorado quanto se afirma, permitindo-lhe amealhar algum reconhecimento para sua arte? O fato é que, se levarmos em conta essa apreciação do vespertino, é possível supor que a estreia do autor com as *Recordações do escrivão Isaías Caminha* sugere um possível êxito literário que frequentemente é negado a Lima Barreto em vida, indicando que talvez ele não tenha sido o escritor maldito e pouco lido no seu tempo, como recorrentemente o consideram.

Barbosa já havia chamado a atenção para o quanto esse “detalhe não deixa de ser interessante”<sup>43</sup>, alertando sobre uma carta enviada por Lima Barreto ao editor português Teixeira, em 28 de maio de 1910, poucos meses após o lançamento do livro:

Amigo Senhor Teixeira.

Levo ao seu conhecimento que aqui, no Rio, não há mais nenhum exemplar do Isaías. Isso acontece há perto de três meses. Eu mesmo já não tenho nem um exemplar para o meu uso. À vista da procura que o livro tem tido nesta cidade, eu lhe vinha pedir o favor de me informar se o mesmo tem acontecido nos outros lugares onde o senhor o enviou.

Caso tal tenha acontecido, julgo que seria bom darmos uma segunda edição (...).<sup>44</sup>

<sup>42</sup> BOTELHO, Denilson. Com dinheiro na mão direita, tem-se os jornais na esquerda: história, literatura e imprensa na Primeira República. In: MONTEIRO, Charles; MADARASZ, Norman Roland; MELLO, Ana Maria Lisboa de (Org.). *Literatura e História: encontros contemporâneos*. Porto Alegre: Gradiva, 2016, p.191-204.

<sup>43</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 198.

<sup>44</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência*. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 177.

O editor responde em seguida informando que a edição não está esgotada e acrescenta:

Depois da remessa de exemplares como novidade para diferentes pontos do Brasil, só a casa F. Alves nos pediu cinquenta exemplares há cerca de dois meses e outras livrarias daí, São Paulo e Bahia, número deles inferior a cinquenta.

Creemos que muitíssimos exemplares se poderiam ter vendido se os livreiros daí o tivessem sempre à venda, mas como só fazem pedidos quando necessitam outras obras e estes em número tão limitado de exemplares, que não estranhemos que o livro não se encontre à venda. Vamos pois remediar esta falta enviando quantidade à livraria J. Ribeiro dos Santos, Rua de São José, com ordem para o anunciar, podendo Vossa Excelência conceder-nos o favor de – sem sacrifício de qualquer espécie – fazer constar pelos jornais que lhe sejam afeiçoados a chegada da nossa nova remessa de exemplares.<sup>45</sup>

Embora não estivesse esgotada a primeira edição, *Isaiás Caminha* estava circulando entre os leitores brasileiros a ponto de não ser encontrado nas livrarias do Rio de Janeiro. Se não vendia mais, isto certamente se devia aos entraves nas relações comerciais – tais como descritas pelo editor português – entre a editora de Lisboa e as livrarias brasileiras, além do fato de Lima Barreto não ser uma figura “afeiçoada” pelos grandes jornais da cidade. Ainda assim, o referido romance alcançaria a segunda edição<sup>46</sup> poucos anos depois, em 1917, desta vez pela A. de Azevedo & Costa Editores – casa editorial situada no centro do Rio de Janeiro – , atestando então, possivelmente, uma reputação que “não está mais por fazer-se”.

Já o *Policarpo Quaresma* foi publicado no folhetim quase diariamente por semanas seguidas, mas poucos dias após o seu início, em 14 de agosto de 1911, uma notícia publicada na mesma edição da tarde do *Jornal do Commercio* merece nossa atenção. Consta no alto da primeira página o seguinte informe: “O Sr. Presidente da República assistirá, esta noite, no salão de honra da Academia Nacional de Letras, à recepção solene do novo acadêmico Sr. Dr. Afrânio Peixoto”. E ainda na mesma coluna, um pouco abaixo, outra nota informa: “Publicamos hoje na 4ª página A Esfinje – Romance de Afrânio Peixoto”. Na verdade, o que se publica na página 4 não é o romance, mas uma crítica positiva ao livro recém-lançado do novo acadêmico, que ocuparia a vaga deixada por Euclides da Cunha na Academia Brasileira de

<sup>45</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência*. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 177.

<sup>46</sup> BARRETO, Lima. *Recordações do escritor Isaiás Caminha*. 2ª ed rev. e aum. Rio de Janeiro, A. de Azevedo & Costa Editores, 1917.

Letras. A crítica é assinada por “J. E.” e classifica o romance como uma obra-prima da literatura. O trecho a seguir não deixa dúvidas sobre o encantamento do crítico:

Mas no romance de Afrânio Peixoto há uma parte que é incomparavelmente superior a todo o resto do volume e é em absoluto uma legítima obra-prima a que não se pode fazer um só reparo sério. (...) Refiro-me, já todos sabem, ao episódio do Barro Branco, à reevocação da infância e adolescência de Paulo e Luisinha. Se até aqui se tem do escrito apenas a impressão de um homem inteligentíssimo com especiais aptidões para as belas letras, ao chegarmos a velha casa do Barro Branco, sentimos que para escrever aquelas cousas, era preciso um verdadeiro e fino artista, capaz de nos dar livros como os melhores de nossa literatura. Há aí tanta delicadeza de emoção, sutileza de psicologia, naturalidade de diálogo, beleza sóbria de descrição, elegância através de linguagem, que esse episódio não podia ser escrito melhor por Machado de Assis, cuja emoção é demasiado cerebral para sensibilizar.<sup>47</sup>

A comparação com Machado de Assis, que não escreveria melhor que Peixoto, assim como os demais elogios, evidenciam a recepção favorável que o romance teve nas páginas deste periódico.

E o que temos então nessa fatídica página 4 da edição da tarde do *Jornal do Commercio* de 14 de agosto de 1911 é um encontro inusitado. Afrânio Peixoto e seu primeiro romance, *A Esfinje*, ocupam com destaque as 8 colunas do alto da página. Na parte inferior da mesma página está Lima Barreto e a terceira parte do seu folhetim estendendo-se igualmente pelas 8 colunas. A separá-los há apenas a seção intitulada “Guia da Cidade”, contendo anúncios e propagandas variadas.

*A Esfinje* aborda o relacionamento amoroso entre os primos Paulo, um escultor educado na Europa, e Lucia, filha de uma aristocrática família carioca. O romance sobre um caso de amor teria sido escrito para justificar o ingresso de Afrânio Peixoto na Academia Brasileira de Letras. Ao ser criticado - não pelo *Jornal do Commercio* - pela temática que busca o entretenimento através de um fútil e adocicado romance, o autor se defenderia argumentando que a literatura deve ser sobretudo “o sorriso da sociedade”<sup>48</sup>.

Já o *Triste fim de Policarpo Quaresma* reflete outro projeto de literatura bem diverso do mero entretenimento defendido pelo mais novo acadêmico. O protagonista é um sujeito envolvido com os desafios em torno da definição da identidade nacional republicana. Lima Barreto caricaturou no seu personagem principal um nacionalista extremado vivendo nos

<sup>47</sup> J. E. “A Esfinje – Romance de Afrânio Peixoto”. *Jornal do Commercio*, Edição da Tarde, 14 de agosto de 1911, p. 4. A grafia foi atualizada. O texto faz referência ao capítulo IV da Terceira Parte do romance.

<sup>48</sup> SEVCENKO, Nicolau, op. cit., p. 131.

tempos do governo de Floriano Peixoto. E, por coincidência, na data em questão, o folhetim introduz o emblemático personagem Ricardo Coração dos Outros, poeta e cantor suburbano, que, nessa passagem, fora à casa do Major Quaresma ensiná-lo a “cantar modinhas e tocar violão”, o que Policarpo considerava “expressão poético-musical característica da alma nacional”<sup>49</sup>. Vale lembrar que o violão não era instrumento bem visto pelas elites cariocas daquele tempo.

Nicolau Sevcenko já chamava a atenção para o embate entre essa literatura de entretenimento, que busca o “sorriso da sociedade”, e a literatura como missão, dos que faziam dessa arte um instrumento de participação na vida política do seu tempo. Referia-se aos

(...) autores que introduziram a fissura mais profunda e irremediável dentre o grupo intelectual. Com eles surge a camada dos “vencedores”, o filão letrado que se solda aos grupos arrivistas da sociedade e da política, desfrutando a partir de então de enorme sucesso e prestígio social, elevados a posições de proeminência no regime e de guias incondicionais do público urbano. Essa nova camada seria a dos plenamente assimilados à nova sociedade, os favorecidos com as pequenas e grandes sinecuras, os *habitués* das conferências elegantes e dos salões burgueses, de produção copiosa e bem remunerada. Autores da moda porque assumem o estilo impessoal e anódino da Belle Époque. São os triunfadores do momento, e a sua concepção de cultura pode ser figurada na fórmula com que Afrânio Peixoto, outro representante ilustre dessa casta especial, definiu a literatura: “sorriso da sociedade”.<sup>50</sup>

O que essa página do *Jornal do Commercio* nos permite é justamente examinar – como quem usa uma lupa - como esse enfrentamento se deu mais amiúde, no varejo do dia-a-dia na imprensa. Afrânio Peixoto segue sendo celebrado nas edições seguintes do mesmo jornal. No dia 23 de agosto, por exemplo, a mesma página 4 abre generosamente suas 8 colunas para Luiz Sertanejo dizer “O que penso d’A Esfinje”, em nova crítica elogiosa ao romance sobre o amor entre Paulo e Lúcia:

Quero dizer da *A Esfinje*, o romance com que Afrânio Peixoto teve o generoso propósito de enriquecer a literatura nacional, inspirado, talvez, e razoavelmente no propósito de mostrar que, ao lhe deferir, não há muito, a honra de o admitir entre os seus, a Academia Brasileira de Letras já enxergava, através do médico ilustre – a quem vantajoso renome já então servia de justo orgulho – o esfumado esboço de um literato em formação, cuja individualidade dentro em breve se afirmaria, em refulgências triunfais, apenas um incentivo qualquer lograsse comunicar-lhe a decisão enérgica de escrever.

<sup>49</sup> BARRETO, Lima. “Triste fim de Policarpo Quaresma”. *Jornal do Commercio*, Edição da Tarde, 14 de agosto de 1911, p. 4.

<sup>50</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 131.

Botão a esse tempo, enjarrou-o confiantemente satisfeita a Academia, na antecipada certeza de que, aberto em flor, teria esta encantos bastantes, no perfume, na forma, na cor, para não afeiar o formoso ramilhete que enfeita o Syllogeu.

Hoje – a Academia adivinhou-o – o botão é já flor, e flor de raro apreço, entregue à incidência dos olhares embevecidos, e todo o mundo lhe quer verificar o colorido, estudar o desenho e sentir o aroma, numa grande ânsia insopitada de admirá-la.<sup>51</sup>

Considerado “flor de raro apreço”, o romance teria contribuído decisivamente para a Academia acolher o seu autor, na ótica de quem tece a crítica na edição vespertina do tradicional jornal carioca. Mas nessa edição, não se deu um novo encontro entre ambos escritores, pois o folhetim de Lima Barreto não foi publicado como de hábito, na parte inferior da página.

Contudo, ao mesmo tempo em que o novo acadêmico era incensado nas páginas do tradicional jornal carioca, prosseguia a publicação daquele “escritor novo e original”. E isso diz muito sobre os processos de construção de uma carreira literária na Primeira República. A imprensa era uma poderosa instância de legitimação para quem aspirava tornar-se escritor. Era preciso fazer-se publicar e o folhetim podia abrir as portas de alguma editora, embora isso não tenha acontecido com o *Policarpo*. Nesse caso, Lima Barreto descreve no seu *Diário Íntimo* o que ocorreu:

Nunca encontrei quem o quisesse editar em livro. Em fins de 1915, devido a circunstâncias e motivos obscuros, cismei em publicá-lo. Tomei dinheiro daqui e dali, inclusive do Santos [Antônio Noronha Santos], que me emprestou trezentos mil-réis, e o Benedito [Benedito de Sousa] imprimiu-o.<sup>52</sup>

Àquela altura, nem mesmo o *Jornal do Commercio* afirmando que a reputação de Lima Barreto não estava mais por fazer-se, as portas das editoras não se abriam tão facilmente para ele. Mas o que fica evidenciado é que os embates travados nas páginas da imprensa indicam que a literatura é algo mais do que um artefato no qual historiadores podem buscar representações de um tempo a ser estudado. Não resta dúvida de que há diferentes representações sobre a república nos textos de Afrânio Peixoto e Lima Barreto. Contudo, é preciso considerar que as páginas do *Jornal do Commercio* – e de tantos outros jornais –

<sup>51</sup> SERTANEJO, Luiz. “Que penso d’A Esfinje”. *Jornal do Commercio*, Edição da Tarde, 23 de agosto de 1911, p. 4.

<sup>52</sup> BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 181.

testemunham o modo através do qual esses literatos participam do movimento da história. A literatura é uma forma de atuar nesse momento histórico, de participar e se inserir nos embates do seu tempo. Seja para fazer sorrir a parte da sociedade que tem condições de fazê-lo, seja como missão, como instrumento de intervenção e possíveis transformações.

Cabe observar que “de todas as restrições ao seu livro [de Lima Barreto] de estreia, a que mais o magoou foi precisamente a de considerarem o *Isaiás Caminha* só e unicamente um romance *à clef*, pertencente, por isso mesmo, a um gênero literário inferior de literatura”<sup>53</sup>. Lima Barreto leu *A esfinge* e ofereceu o exemplar por ele lido e anotado ao amigo Antônio Noronha Santos. Entre as anotações feitas durante a leitura, uma chama a atenção por indicar o quanto o escritor se julgava injustiçado pela crítica da época: “É *à clef*, e eles elogiaram”<sup>54</sup>. O *roman à clef* pode ser entendido “como um romance em que pessoas e eventos reais aparecem sob nomes fictícios”<sup>55</sup>, geralmente como estratégia para abordar temas controversos. Portanto, na percepção de Barreto, o fato de seus personagens terem sido inspirados em figuras da época não deveria servir de baliza para julgar os méritos da literatura que fazia, haja vista que Peixoto fizera o mesmo e fora enaltecido a ponto de ingressar na ABL. Talvez, o que estivesse em jogo fossem as concepções de literatura como entretenimento, por um lado, e “como missão”, como denúncia, como intervenção na esfera pública, por outro lado.

O fato é que, nem em Afrânio Peixoto, nem em Lima Barreto, é possível entrever o artista recolhido numa distante torre de marfim a conceber uma obra de arte como fruto de um excepcional gênio criador. O que se vislumbra é uma literatura que se constitui como artefato historicamente construído. *A Esfinge* justifica o ingresso de Peixoto na Academia, *Triste fim de Policarpo Quaresma* - em folhetim e em livro – é parte do esforço de um autor negro para tornar-se reconhecido no mercado editorial do pós-abolição. São textos interessados<sup>56</sup>, empenhados em viabilizar projetos pessoais dos autores, bem como indicam

<sup>53</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 200.

<sup>54</sup> Ibidem, p. 202.

<sup>55</sup> AMARAL, Pauliane. “Três momentos do *roman à clef* na literatura brasileira: uma leitura a partir do cronotopo bakhtiniano”. *Estudos Linguísticos*, n. 45(3), 2016, p. 1217. Na mesma página, a autora acrescenta: “No Brasil, o *roman à clef* ganhou destaque na passagem do século XIX para o século XX, com a publicação de *Recordações do escrivo Isaias Caminha* (1909), de Lima Barreto e de outros livros, hoje datados e um pouco esquecidos dentro da historiografia literária, como *A esfinge* (1911), de Afrânio Peixoto”.

<sup>56</sup> Tomo emprestado aqui o termo habilmente empregado pela autora, especialmente no capítulo 2 de sua dissertação: COSTA, Gabriela de Oliveira Nery da. *“literatura interessada” e a sociedade brasileira sob o olhar de*

o lugar que desejam ocupar na sociedade brasileira do início do século XX. E a relação que esses escritores estabeleceram com a imprensa foi decisiva para suas trajetórias e o destino de suas obras. Daí a importância de examinar as relações entre história, literatura e imprensa na Primeira República.

E não podemos esquecer dos desafios que estão colocados para os estudos históricos que tomam a literatura como objeto na esteira do legado imposto pelos pós-modernos. A história social representa um alento para todos aqueles que rejeitam a tese das fronteiras tênues entre história e ficção. O que distingue o trabalho do historiador não é apenas um gênero discursivo que flerta com a ficção, supondo que o real é intangível. Pesquisar a literatura é mais uma oportunidade de reafirmar a racionalidade no ofício do historiador, preocupado em explicar as suas concretas condições de possibilidade.

Como observa Raymond Williams<sup>57</sup>, as relações entre arte e sociedade, ou entre literatura e sociedade, não existem de forma abstrata. A literatura apresenta-se como uma prática na sociedade. Não cabe separar literatura e arte de outros tipos de práticas sociais. A arte pode ter características bem específicas, mas não pode ser separada do processo social geral. Por isso arte não é um objeto de consumo que pode ser isolado e destituído de suas práticas de produção. As condições sociais reais de produção não podem ser negligenciadas. Este é o método que preside o breve exercício de análise aqui apresentado.

Os romances de Afrânio Peixoto e Lima Barreto que disputavam espaço nas páginas do *Jornal do Commercio* são textos ficcionais. Contudo, se tratados como documentos, tal como preconiza a história social, têm muito a dizer sobre o Brasil da Primeira República. Podem testemunhar inclusive sobre a desigualdade entre aqueles que podiam se entregar ao desfrute da literatura como “sorriso da sociedade” e aqueles para os quais não restavam alternativas de sobrevivência que não fosse o trabalho árduo. Portanto, estamos falando de literatura também como testemunho da luta de classes que se manifesta na trajetória desses autores, nas páginas da imprensa e no dia-a-dia de seus eventuais leitores ou não.

Resta saber a quem interessa negar a racionalidade na produção do conhecimento histórico, negando o próprio estatuto da história, sob o pretexto de aproximar as fronteiras

---

Graciliano Ramos (1937 – 1945). Dissertação de Mestrado. Departamento de História, UNIFESP, Guarulhos, 2016. 128 p.

<sup>57</sup> WILLIAMS, Raymond. “Base e superestrutura na teoria da cultura marxista”. In *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 43-68.

entre literatura e história. Talvez interesse aos mesmos que consideram o marxismo e a luta de classes ultrapassados nos dias de hoje.

### Referências Bibliográficas

AMARAL, Pauliane. “Três momentos do *roman à clef* na literatura brasileira: uma leitura a partir do cronotopo bakhtiniano”. *Estudos Linguísticos*, n. 45(3), 2016, p. 1217-1232.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio: imprensa, poder e público*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.

BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1909.

BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. 2ª ed rev. e aum. Rio de Janeiro, A. de Azevedo & Costa Editores, 1917.

BARRETO, Lima. “Triste fim de Policarpo Quaresma”. *Jornal do Commercio*, Edição da Tarde, 14 de agosto de 1911, p. 4.

BARRETO, Lima. *Correspondência*. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BOTELHO, Denilson. Com dinheiro na mão direita, tem-se os jornais na esquerda: história, literatura e imprensa na Primeira República. In: MONTEIRO, Charles; MADARASZ, Norman Roland; MELLO, Ana Maria Lisboa de (Org.). *Literatura e História: encontros contemporâneos*. Porto Alegre: Gradiva, 2016, p.191-204.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHALHOUB, Sidney, NEVES, Margarida de Souza e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

COSTA, Gabriela de Oliveira Nery da. *A “literatura interessada” e a sociedade brasileira sob o olhar de Graciliano Ramos (1937 – 1945)*. Dissertação de Mestrado. Departamento de História, UNIFESP, Guarulhos, 2016. 128 p.

J. E. “A Esfinje – Romance de Afrânio Peixoto”. *Jornal do Commercio*, Edição da Tarde, 14 de agosto de 1911, p. 4.

SERTANEJO, Luiz. “Que penso d’A Esfinje”. *Jornal do Commercio*, Edição da Tarde, 23 de agosto de 1911, p. 4.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

WILLIAMS, Raymond. “Base e superestrutura na teoria da cultura marxista”. In *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 43-68.

**Recebido em 31 de janeiro de 2017.**

**Aprovado em 27 de maio de 2017.**